

Poesia: efeito de sentidos nas gramáticas¹

Lucilene de Oliveira – (UNEMAT)²
Prof.^a Eliana de Almeida – (UNEMAT)³

Resumo: Neste trabalho, buscarei compreender os sentidos em funcionamento para a poesia no espaço discursivo de gramáticas da língua portuguesa, recortando como material de leitura as gramáticas: *Moderna Gramática Portuguesa* (2001) de Evanildo Bechara, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (1973) de Rocha Lima e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1985) de Celso Cunha e Lindley Cintra. Nestas tomarei como espaço de leitura, especificamente, as partes que correspondem a estilística, cuja definição gramatical, se ocupa dos ‘efeitos especiais’ da língua. Sendo assim, inscrevo este dizer na perspectiva da História das Ideias Linguísticas articulada à Análise do Discurso.

Palavras chave: poesia, gramática e língua.

In this work, I will seek understanding of the meanings in the running for the poetry in discursive space of grammars of the portuguese language, stands as a material for reading the grammars: *Modern Portuguese Grammar* (2001) of Evanildo Bechara, the *Normative Grammar of the Portuguese Language* (1973) of Rocha Lima and *New Grammar of Portuguese Contemporary* (1985) of Celso Cunha and Lindley Cintra. These take the reading room, specifically, the parties that correspond to the stylistic, whose definition grammar, is in charge of 'special effects' of the language. That being the case, do I register this saying in the perspective of the History of Ideas Linguistic articulated to Discourse Analysis.

Key Words: poetry, grammar and language.

A língua [...] é inatingível, nela se apresentam pontos de resistência à univocidade lógica, resistência às tentativas de domesticação dos sentidos. (MARIANI, 2007, p. 66)

A construção de um saber sobre a língua e sua constituição e, por conseguinte, a constituição de um sujeito nacional (assim como a de uma sociedade brasileira) está na base dos estudos do conhecimento sobre a história das ideias linguísticas no Brasil. E, refletir sobre a história da língua e uma história das ideias põe em questão a noção de história, vista não como uma linearidade cronológica ou como conteúdo (NUNES, 2010), mas como ‘fato’, ‘dado’, que na sua relação com a linguagem produz sentidos, sentidos esses que são interpretáveis, dada sua relação com o discurso.

Desse modo, a articulação entre os estudos da História das Ideias Linguísticas no Brasil com a Análise do Discurso (Pêcheux, 1988; Orlandi, 2001) permite que joguemos com a noção de história tal como definida e pensemos na constituição e construção de uma história de saberes sobre a língua, como também, na inscrição desses saberes na história e na sua injunção com o “político em sua relação com o simbólico” (ORLANDI, 2002, p. 09).

A língua para a teoria materialista da linguagem é passível de jogo na história (ORLANDI, 2002), tem sua ordem própria (sua materialidade), porém, essa ordem, própria da

¹ Este presente trabalho fora organizado para apresentação no I SIEPL, não considero concluídas as possibilidades de leitura.

² Acadêmica do VI semestre do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

³ Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

língua, é “sujeita à falha” (ORLANDI, 2001, p. 26), ao equívoco, ao deslizamento de sentidos, ou seja, à metáfora, a poesia.

Daí que, “a língua no ponto de vista da AD é inatingível, nela se apresentam pontos de resistência à univocidade lógica, resistência às tentativas de domesticação dos sentidos” (MARIANI, 2007, pp. 66), isto é, os sentidos não são presos às palavras, muito menos, elas (as palavras, a linguagem) trazem uma univocidade do sentido e uma transparência destes, ao contrário, a língua possui pontos de deriva, de deslizamentos de sentidos que produzem poesia, por isso, na ordem própria da língua, “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, *se deslocar discursivamente* de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 1991, p. 53; grifo meu).

O efeito poético⁴ para Pêcheux e Gadet (2010) é uma propriedade da ordem da língua. Para Mariani (2007, p.55), “[...] o poético não está fora da linguagem, não é algo restrito a um conjunto de efeitos especiais a ser usado em determinadas ocasiões”, ou seja, o efeito poético “não é uma propriedade da poesia enquanto texto poético em sua forma, mas uma propriedade específica da língua” (ALMEIDA, 2010, p. 02).

A poesia na/da língua se dá no real da língua, na impossibilidade de se dizer tudo, no reconhecimento de que a língua, enquanto estrutura, é passível de equívoco e falha, e produz deslizamento de sentidos que, como afirma Mariani (2007):

[...] esse deslizamento aponta para o fato de que em qualquer ponto do encadeamento significativo há uma possibilidade de falha, fratura, produzindo uma deriva do sentido. Uma deriva tanto para aquele que fala ou escreve quanto para aquele que escuta ou lê (p. 55).

Se já sabemos que a poesia é constitutiva da língua, como ela (se) significa no espaço discursivo da nossa língua? Ou, como a língua (se) significa pelo efeito poético? Podemos refletir sobre esta questão se considerarmos como a língua portuguesa se significa no espaço discursivo do Brasil e, fundamentalmente, de que modo essa língua portuguesa (se) significa no espaço específico de produção de saberes, como a gramática.

No texto “A língua brasileira” de Orlandi (2002), a autora considera que desde o nascimento do Brasil, a língua tem sido posta em questão, instituída por uma tensão entre língua imaginária (língua portuguesa) e língua fluída (língua brasileira), quer dizer, pondo em funcionamento uma disputa pelo espaço discursivo brasileiro que divide e redivide espaço e sujeitos que nele se encontram e que também são afetados por essa disputa instaurada pelo funcionamento político na/da língua.

Nesse processo de constituição de uma língua nacional, de um saber metalinguístico, em um espaço em que língua portuguesa e brasileira se sobrepõe uma a outra, está o processo de gramatização/instrumentação dessa língua. Com efeito, o processo de gramatização da língua, especialmente a nossa, produzem o conhecimento sobre a língua, além da constituição de uma sociedade e sua história.

Auroux (1992, p. 65) compreende por gramatização “o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário” (grifo do autor). No Brasil, a gramatização da língua deu-se em um imaginário de língua a ser falada e ensinada, a língua portuguesa, que, como salienta Orlandi (2005, p. 29) “[...] quem não a fala, ainda que esteja no Brasil, que seja brasileiro, erra, é um mal falante, um marginal da língua”, isto é, o sujeito falante é configurado pelo funcionamento político na/da língua, dividido por uma língua que falamos (usamos) e por outra que *devemos* falar (usar). Esquece-se, portanto, que “falamos a “mesma” língua, mas falamos diferente” (ORLANDI, 2002, p. 23; grifo da autora).

Discursivamente, este falar diferente produz um efeito de sentido sobre a questão de que a língua (a que falamos) tem sua própria materialidade, se significa diferente (historiciza), em

⁴ Sendo a poesia constitutiva da língua não há porque se falar em linguagem poética.

condições de produção diferentes e espaços discursivos diferentes, assim como, metáforas (ORLANDI, 2002), ou seja, poesia.

Diante da questão, de que a gramática produz, enquanto instrumento linguístico, um conhecimento metalinguístico sobre a língua no Brasil e sua constituição e, que esta língua tem sua própria materialidade e produz poesia, coloco em questão o funcionamento desse efeito poético, próprio da língua, nas seguintes gramáticas de língua portuguesa: *Moderna Gramática Portuguesa* (2001) de Evanildo Bechara, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (1973) de Rocha Lima e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1985) de Celso Cunha e Lindley Cintra. Tomo, especificamente, como recorte, a parte que corresponde à estilística da língua, cujas formulações metalinguísticas se ocupam em definições sobre o efeito poético. Espera-se que este estudo possa contribuir para um saber sobre a língua brasileira.

Considerando o fato de que essas gramáticas são do século XX, cabe colocar, então, conforme Orlandi (2002, p. 192-193) que, “a prática da produção das gramáticas toma outro sentido e outra forma no século XX”. Dessa maneira, a gramática passa a funcionar como instrumento regulador do espaço discursivo da língua no Brasil, quer dizer:

[...] as gramáticas já não têm a função de dar forma aos difíceis limites da identidade brasileira, só os de mantê-los em sua configuração, o que implica em distinguir quem sabe e quem não sabe a língua “corretamente” (ORLANDI, 2002, p. 159; grifo da autora).

Sendo assim, a gramática funciona como a *língua*, instaurando uma hierarquia e divisão do espaço discursivo da língua brasileira (ou das línguas, considerando o fato de que o Brasil é um país plurilinguístico). Ou seja, a gramática prescreve normas, regras, diz como se deve dizer e como é dito.

Desse modo, nas gramáticas já apontadas acima, tomarei como espaço de leitura e produção de sentidos, àquelas destinadas às questões consideradas de estilísticas da língua, visto que, as gramáticas que se ocupam da produção de um saber metalinguístico sobre a língua, a consideram [a estilística] como ‘a responsável’ pelo ‘efeito especial’ da/na língua.

Referências

- ALMEIDA, Eliana de. *Cabeludinho: língua, sujeito e nação como paródia*. (no prelo), 2010.
- AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Editora da Unicamp: Campinas, 1992.
- MARIANI, Bethânia. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. In *Revista Trama*, v. 3, n. 5. 1º semestre de 2007, pp. 55 a 71.
- NUNES, José Horta. *Leitura de arquivo: historicidade e compreensão*, disponível em: http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Jose_horta.pdf acessado em: 08, out. 2010.
- ORLANDI, Eni P. A Língua brasileira. In *Ciência e Cultura*, vol. 57, n. 2. São Paulo, abr./jun., 2005, pp. 29 a 30.
- _____. *Análise de Discurso: princípio e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- _____. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Vozes, Petrópolis – RJ, 1996.
- _____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- _____. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1991.
- PÊCHEUX, Michel & GADET, Françoise. *A língua inatingível: O discurso na história da Lingüística*. 2ª ed. Trad: MARIANI, Bethânia; MELLO, M. Elizabeth Chaves de. Campinas: RG, 2010.